

O mal-estar docente: as dificuldades do ser professor

Carlos Augusto Lima Ferreira¹

Erick Wesley Morais dos Santos²

Universidade Estadual de Feira de Santana

Resumo: O artigo aborda as relações firmadas entre a precarização do trabalho docente, reestruturado no Brasil a partir da década de 1990 com a implementação da perspectiva neoliberal no campo educacional, e o adoecimento dos professores, o que vem sendo caracterizado como mal-estar docente, afetando de sobremaneira a saúde psíquica dos trabalhadores da educação e a relação com seu labor. Como sustentáculo do trabalho tem-se uma pesquisa de campo realizada no Colégio Modelo Luís Eduardo Magalhães de Feira de Santana-Bahia (CMLEM), na qual buscou-se observar na prática como tal fenômeno se apresenta.

Palavras-chave: neoliberalismo; mal-estar docente; precarização; alienação; adoecimento.

¹ Doutor em Educação pela Universitat Autònoma de Barcelona (UAB). Professor do Departamento de Educação e do Programa de Pós Graduação em História (PPGH) da Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS). Pesquisador do Grupo de Estudos e Pesquisa em Ensino de História (GEPENH).

² Mestre em História pelo Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS). Professor da Educação Básica da Rede Estadual da Bahia. Pesquisador do Grupo de Estudos e Pesquisa em Ensino de História (GEPENH).

Teacher malaise: the difficulties of being a teacher

Abstract: The article addresses the connections established between the precarization of teaching work, restructured in Brazil from the 1990s with the implementation of the neoliberal perspective in the educational field, and the illness of teachers, which has been characterized as teacher malaise. This situation significantly affects the mental health of education workers and their relationship with their labor. The support for this work is field research conducted at Colégio Modelo Luís Eduardo Magalhães in Feira de Santana-Bahia (CMLEM), aiming to observe in practice how this phenomenon presents itself.

Keywords: neoliberalism; teacher malaise; precarization; alienation; illness.

Malestar docente: las dificultades de ser professor

Resumen: El artículo aborda las relaciones establecidas entre la precarización del trabajo docente, reestructurado en Brasil a partir de la década de 1990 con la implementación de la perspectiva neoliberal en el campo educativo, y la Enfermedad de los profesores, lo que ha sido caracterizado como malestar docente, afectando enormemente la salud psíquica de los trabajadores de la educación y la relación con su labor. Como apoyo del trabajo se tiene una investigación de campo realizada en el Colegio Modelo Luís Eduardo Magalhães de Feira de Santana-Bahia (CMLEM), en la cual se buscó observar en la práctica cómo se presenta tal fenómeno.

Palabras clave: neoliberalismo; malestar docente; precarización; alienación; enfermedad.

“ Só entende o que é ser professor quem é professor”, exclama uma das professoras entrevistadas do Colégio Modelo Luís Eduardo Magalhães (CMLEM), de Feira de Santana-Bahia. Certamente é bastante difícil compreender as intrincadas relações que perpassam a atividade docente sem se ter conhecimento da realidade escolar. As dificuldades históricas enfrentadas pelos professores na realização do seu trabalho, entretanto, intensificaram-se com a ascensão do neoliberalismo como racionalidade hegemônica que guia a organização social. Como espécie de síntese das contradições do sistema, o professor representa, de um lado, o arauto da nova ordem por meio da formação das novas gerações, e, por outro, a peça sob a qual se abatem as formas mais sofisticadas de expropriação do trabalho e manutenção do status quo. Elemento importante na instauração do consenso, mas que precisa ser controlado, o trabalho docente é colocado em um labirinto, em que necessita o tempo inteiro se movimentar, mas não deve encontrar uma saída.

Sob a égide da vulgata neoliberal, as dinâmicas entre capital e trabalho se modificaram, transformando o exercício laboral em uma atividade marcada, em geral, pela fragmentação, intermitência e despersonalização, em que, cada vez mais distante do objeto do seu trabalho, o trabalhador sente-se estranhado do que faz, das relações que constrói e, não raras vezes, tem dificuldade de identificar-se. Essa lógica ocupa todos os espaços da vida e tem se instaurado, de diferentes maneiras, também no setor público, atingindo a escola e os seus trabalhadores.

A educação ocupa não só lugar difusor da ideologia e construtor do consenso, como também é submetida a vetores de privatização, imprimindo a gestão empresarial no espaço escolar, com a lógica do lucro e da concorrência, e criando um mercado educacional sob o qual o capital pode depositar seus tentáculos. Ao processo de mercadorização da educação, para Dardot e Laval (2016: 202), é importante frisar que “Não se trata apenas de transformar algo em mercadoria, mas de inscrever a lógica concorrencial do mercado nos comportamentos ou nas relações e nos processos que não foram e não necessariamente serão transformados em mercadoria”. Isso significa que formas de privatização ocupam a escola, tornando-a mecanismo ideológico e de lucro para as classes hegemônicas, e espaço de alienação e expropriação da classe trabalhadora, mesmo que seu controle não seja exercido diretamente pela iniciativa privada.

O Estado, nesse contexto, deixa de ser o guardião da educação, inserindo-a como um produto instaurado nas relações firmadas dentro do mercado. “A educação, vista como um ‘serviço’ que se adquire, e não mais como um direito, deve ser afastada do Estado, o que justifica a sua privatização” (FREITAS, 2019: 29). A mercantilização do setor educacional também possui papel fundamental na sua transformação enquanto espaço de estabelecimento do consenso e da hegemonia, já que “O combate ideológico é parte integrante do bom funcionamento da máquina” (DARDOT e LAVAL, 2016: 151). Permeado por transformações de tantas ordens, o trabalho docente é extremamente afetado e progressivamente menos observado e compreendido.

A incursão no CMLEM de Feira de Santana busca compreender os sujeitos que fazem a docência e como seus saberes e práticas têm sido afetados pela nova razão do mundo. No contexto de mudanças instadas com o neoliberalismo, não só a escola teve que ser adequada, como também e, principalmente, os professores. O alvorecer do capital conclamou a gestação de “novos” professores: mais capacitados, antenados, performáticos, proativos, adaptáveis, flexíveis, polivalentes, capazes de responder sempre, de modo satisfatório e eficiente, às demandas que o mundo contemporâneo, em constantes transformações, exige dos sujeitos.

Ao acúmulo de atividades e demandas, no entanto, não somam-se melhorias nas condições de trabalho. Quer-se professores capacitados, mas não lhe propiciam condições de capacitar-se. Quer-se aulas “diferentes” e “modernas”, mas não oferecem estruturas em que estas possam acontecer. Quer-se qualificação, eficiência e profissionalismo, mas privam o professor da sua intelectualidade ao submeter-lhe a condições de trabalho precarizadas, nas quais, “precisa matar um leão por dia”, como um docente menciona em dado momento da pesquisa.

O resultado trágico na vida laboral docente que as contradições que o ideário neoliberal promove tem sentido ideológico, haja vista que “medidas que isolam os professores, individualizam suas ações e vinculam-nas ao empreendedorismo, à concorrência e à meritocracia são instituídas nos sistemas de ensino”, a fim de “diminuir a resistência para a supressão de direitos, considerados como gastos estatais excessivos e ineficientes, em específico, para o neoliberalismo” (ESTOR-
MOVSKI e ESQUINSANI, 2022: 11).

O controle e a intensificação sobre o trabalho docente também são exercidos através das políticas de responsabilização e avaliação, instituídas pela racionalidade neoliberal como forma de melhorar a gestão da educação e imprimir mais qualidade e eficiência aos processos educacionais. “Essa mensuração do desempenho tornou-se a tecnologia elementar das relações de poder nos serviços públicos”, afirmam Dardot e Laval (2016: 314), e acrescentam que “O objetivo dessa nova gestão pública é controlar estritamente os agentes públicos para aumentar seu comprometimento com o trabalho”.

As políticas de accountability, “que não levam em conta as condições de trabalho dos educadores, que enfrentam baixas remunerações, carreiras pouco atrativas, salas de aula superlotadas e escolas com infraestrutura indigna” (CARA, 2019: 28), ao fazer com que o senhor seja interiorizado pelo servo, amplia as formas de controle e expropriação da mais-valia, não só econômica, como intelectual, pois os mecanismos e normas que operam sobre a agência docente, tolhem sua intelectualidade e autonomia, restringindo sua capacidade de gerência sobre seu trabalho, bem como ação-reflexão sobre a realidade.

Mais do que a proletarização técnica, abate-se sobre o professor, a proletarização ideológica, tornando seu trabalho cada vez mais estranhado, desintelectualizado e vulnerabilizado. Os efeitos deletérios da precarização do trabalho docente atinge também a saúde dos professores, que – submetidos a mecanismos contraditórios que o ordenam à qualificação e inovação sem que haja estrutura e suporte estatal, ao mesmo tempo em que as metas e os rankings educacionais que controlam seus passos são apresentados como formas de ampliar sua liberdade de atuação – sentem-se despersonalizados e com a sensação de mal-estar crônico.

Inserido no labirinto neoliberal, o professor vê a profecia se cumprir diante dos seus olhos diariamente, como se sua estirpe não possuísse oportunidade sobre a terra. Perdido, isolado, despersonalizado, alienado, estranhado, cansado, o

trabalho docente parece estar condenado à solidão, que a incompreensão do mundo lhe legou. Afinal, “Só entende o que é ser professor quem é professor”.

“O mal-estar docente: as dificuldades do ser professor” busca, assim, explorar as implicações profundas e duradouras que as condições de trabalho têm sobre a vida profissional e pessoal dos professores. Esse termo, cunhado por Esteve (1999), uma das figuras mais importantes nas pesquisas que analisam as relações entre as transformações sociais e a prática docente, descreve os efeitos negativos permanentes que o ambiente de trabalho adverso impõe sobre a personalidade dos educadores. A análise detalha como a precarização das condições de trabalho, impulsionada por reformas educacionais neoliberais, exacerba problemas físicos e psicológicos entre os docentes, afetando de modo significativo a ontologia do ser professor e sua saúde psíquica.

A fim de dar maior substrato e materialidade à problemática, a pesquisa está assentada no materialismo-histórico-dialético e sua relação com a práxis educacional. Para tanto, foi fundamental o estabelecimento de um trabalho de campo, realizado com o corpo docente do Colégio Modelo Luís Eduardo Magalhães de Feira de Santana-Bahia em 2023, ano em que a aplicação das últimas reformas educacionais neoliberais desenvolvidas no país representou maior intensificação do trabalho dos professores e, por consequência, ampliação do mal-estar que lhes abate. O artigo está dividido em três seções, nas quais são expostos lados de uma mesma moeda, em que o sofrimento psíquico dos professores revela a perversidade da racionalidade neoliberal.

Precarização do trabalho docente e adoecimento psíquico

Submetido a condições de trabalho cada vez mais degradantes, o professor tem sentido de forma intensa as consequências do trabalho alienado e estranhado que lhe abate. Cercado de cobranças, pressões, vigilâncias, responsabilizações, o trabalho docente tem visto suas possibilidades de reflexão e ação serem sufocadas. Os efeitos do exercício de um trabalho marcado pela precarização são sentidos no corpo e na mente, na intelectualidade e na performance, nos problemas físicos e na saúde psíquica. O conjunto dos elementos que aflige e afeta sobremaneira os saberes e as práticas docentes forma o que tem sido designado por alguns especialistas no campo dos estudos educacionais por mal-estar docente. Segundo Esteve (1999: 25), a expressão descreve “os efeitos permanentes de caráter negativo que afetam a personalidade do professor como resultado das condições psicológicas e sociais em que se exerce a docência”.

A experiência dos professores do CMLEM de Feira de Santana reflete de maneira bastante incisiva as marcas do mal-estar que afeta a docência. Uma professora chega a falar enfaticamente sobre a necessidade de se aprofundar as discussões sobre o tema. Bastante preocupada e em tom de indignação, ela diz “Pelo amor de Jesus Cristo, é uma coisa que precisa ter visibilidade. A gente precisa falar sobre isso. Porque as escolas estão abandonadas. Em vários sentidos, mas nesse é pior, porque fecham os olhos” (Úrsula, 2023).

Não é para menos, no dia seguinte em que realizei a entrevista com ela, enquanto aguardava um professor para realização de outra entrevista, uma professora passou mal e foi acolhida na sala da vice-direção. O socorro foi prestado por Úrsula, que teve que levar a docente em casa no seu próprio carro. Ao conversar sobre o ocorrido com o professor que seria entrevistado, ele me relatou que a professora tem sofrido com ataques de pânico na escola, não sendo o evento inédito, tampouco exclusivo. Ele mesmo relatou que “*Dentro da sala de aula, não são só*

as crises de ansiedade. Eu passei a ser hipertenso. Tenho que tomar medicação diariamente para controlar a pressão. Eu nunca imaginei estar vivendo essa realidade e isso é ocasionado por uma vida estressante” (José Arcádio, 2023).

Ante situações como essa, não se pode, como clama Úrsula, fechar os olhos. Não se pode também individualizar o problema, ainda que cada situação tenha seu grau de peculiaridade. No entanto, problemas que desembocam em momentos críticos não são singulares, tampouco dizem respeito apenas a esse ou aquele professor. O mal-estar docente é uma construção que perpassa por toda uma categoria de trabalho, em que o exercício do labor individual está imbricado a condições de trabalho que refletem a materialidade do mundo, no qual a subjetividade do professor faz-se presente.

Não se trata de subjetivismo ou psicologismo, mas da relação homem-mundo, marcada por contradições que se reverberam no ser em sua dialética com a realidade. Para prosseguir na reflexão, portanto, faz-se necessário buscar compreender como o ser professor se constitui em um cenário de precarização do seu trabalho, bem como as consequências em sua saúde, física e psíquica, oriundas dessa situação.

Esteve (1999: 27) estabelece dois tipos de indicadores do mal-estar docente, os fatores primários, “que incidem diretamente sobre a ação do professor em sala de aula, gerando tensões associadas a sentimentos e emoções negativas”, e os fatores secundários, “referentes às condições ambientais, ao contexto em que se exerce a docência”. Os fatores atuam de forma associada e concomitante, estando presentes na experiência docente no CMLEM. Em pesquisa realizada por Pontes, Rostas e Rostas (2020: 727), identificou-se que o adoecimento do professor em âmbito escolar se constitui,

pelo excesso de carga horária provocado por este atuar em disciplinas não vinculadas diretamente com sua formação; por assumir a função de professor polivalente; por receber uma remuneração inferior ao valor de seu trabalho, não suprimindo suas necessidades básicas e profissionais; e por lidar diariamente com a indisciplina e atitudes agressivas por parte dos estudantes. Tais situações acabam por produzir patologias como a Síndrome de Burnout, o estresse e a depressão.

Para Pontes, Rostas e Rostas (2020: 723), há uma relação intrínseca entre o processo de adoecimento docente e a precarização do seu trabalho, resposta à reestruturação capitalista com o advento do neoliberalismo. A reconfiguração do mundo do trabalho fez com que se vinculasse ao professor um conjunto de novas atribuições, sem a oferta de melhorias nas condições de trabalho, que se avolumam e geram uma sobrecarga de trabalho enorme sobre a atividade docente. Conclamados a se “qualificar” e se “profissionalizar” para atender às demandas de uma educação em sentido global, articulada à era do conhecimento, as responsabilidades e exigências que se projetam sobre os professores têm aumentado, modificando o papel que se espera que eles executem.

As reformas educacionais neoliberais ampliaram essas exigências e instituem, muitas vezes, os professores como obstáculos à “renovação”. “Criticado e questionado, o professor viu diminuir seu valor social” (ESTEVE, 1999: 22). Imerso em um contexto social de intensas transformações e contradições, no qual precisa, sob qualquer circunstância, mostrar serviço, “O professor, como figura humana desse sistema, queixa-se de mal-estar, cansaço, desconcerto” (ESTEVE, 1999: 32).

Apesar da falta de estrutura, cobra-se do professor que o seu ensino seja capaz de promover a aprendizagem do aluno e atenda a todas as orientações curriculares de cunho neoliberal, superando toda e qualquer barreira, já que o bom professor entende seu trabalho como uma missão e o executa com qualidade e eficiência. Por trás desse sistema de contradições, restringe-se a autonomia e intelectualidade do professor, que secundarizado do processo de ensino-aprendizagem-conhecimento, precisa apenas se adequar e produzir, mesmo que isso custe seu suor e sua saúde. A respeito de tais contradições, uma docente assevera que

No papel, é tudo lindo e maravilhoso, mas quando parte para a prática, cadê as condições para se trabalhar? E eu vou lhe dizer, tá ficando difícil para o professor, porque com todas as mudanças que estão acontecendo, é só porrada no lombo do professor. E ninguém vê esse professor que tá lá em sala de aula. Ninguém percebe a condição dele, ninguém dá condições para ele trabalhar. Porque tudo é voltado para o aluno. Tudo bem, nosso aluno precisa ser cuidado o tempo todo. Mas e o nosso profissional que tá lá na frente? E o outro lado? Eu tenho duas professoras que estão sendo afastadas por problemas psicológicos, porque não estão aguentando a pressão. Inclusive, uma delas surtou na sala de aula. Precisou chamar o SAMU para levar. Com as condições que a gente tá tendo, tá muito difícil. (Úrsula, 2023)

Pela exposição da professora, fica bastante evidente a relação entre o adoecimento docente e as condições nas quais o trabalho dos professores tem se processado. As mudanças relatadas por ela dizem respeito às impetradas na escola pela BNCC (Base Nacional Comum Curricular) e pelo NEM (Novo Ensino Médio), que intensificaram a lógica neoliberal na educação iniciada com as políticas educacionais dos anos 1990.

Embora tenha ampliado as atribuições, direcionamentos e responsabilidades dos professores, as mudanças curriculares não proporcionaram transformações na mesma medida nas condições do trabalho docente, criando um ambiente de instabilidade e pressão, no qual, muitas vezes, os professores não sabem o que fazer ou a quem recorrer para resolver as questões que lhes são impostas cotidianamente. O resultado da “porrada no lombo do professor” se exprime na saúde dos docentes, restringindo seu labor de forma parcial e/ou total, como os casos demonstrados deixam claro.

Refletindo sobre a imbricada relação que se configura entre os processos de precarização do trabalho docente e o adoecimento que se abate sobre a categoria, Castro Neta (2020: 95) aduz que “As demandas impostas à escola no contexto do neoliberalismo sobrepõem-se às demandas compatíveis com o ser/agir docente”, contribuindo “para o desenvolvimento dos processos de sofrimento psíquico, adoecimento e/ou mal-estar docente”.

Marcada pela lógica empresarial de expropriação da mão de obra e busca de lucratividade, a escola, a despeito das precárias condições que oferece aos professores, impõe “a entrega completa do trabalhador a um emprego que ainda cobra, contraditoriamente, que todo profissional, além de ser explorado integralmente”, pontuam Estormovski e Esquinsani (2022: 8), “demonstre garantias de sua eficiência e comprove continuamente sua serventia ao empregador”.

Diante de tantas mudanças, responsabilidades, cobranças e pressões, nem sempre os professores conseguem demonstrar sua “eficiência”. É o cenário construído por uma professora ao falar sobre as novas atribuições que foram colocadas para o trabalho docente com o NEM. Segundo ela, nem todos conseguem ou possuem as ferramentas necessárias para lidar com as novas situações, já que os percursos realizados pelos professores são distintos e as condições nas quais exercem suas atividades são marcadas pela precarização, que tem se intensificado.

Eu não posso julgar, mas eu acredito que essa política é perversa. Eu não posso nem afirmar o que está por trás desse sistema. Mas o que eu visualizo é que acertaram em cheio mais uma vez o aluno e o professor. Porque eles prenderam, eles fecharam o tabuleiro. Já era precarizada a situação do aluno e do professor, vamos precarizar ainda mais. Silencia todo mundo e fica todo mundo bem fácil de ser administrado. Porque não tem voz. E é o que a gente tá vivenciando agora. Várias dificuldades dos professores, professores doentes... Eu consigo lidar com esses balanços, mas muita gente não consegue. Muita gente se deprime, muita gente chora, muita gente a pressão eleva. Porque se vê sem saber o que fazer com os alunos, como lidar com as situações. Por quê? Porque não é todo mundo que se voltou para pesquisa. Eu não vou julgar, os caminhos das pessoas são diferentes. O Brasil no contexto político ainda tá muito perdido, você vê que até as propagandas políticas é de quantos feitos foram realizados, mas ninguém pergunta como tá funcionando. (Remédios, 2023)

A professora reitera a necessidade do professor estar vinculado à pesquisa como uma forma de proteção não só da sua autonomia e intelectualidade, como também da sua saúde, criando uma barreira contra a degradação e aviltamento do seu trabalho. No entanto, submetido a condições de precarização, torna-se extremamente difícil imbuir ao docente a responsabilidade por processos contínuos e qualitativos de formação que lhe protejam contra a precarização do seu trabalho e as consequências desse processo sobre sua saúde. Mesmo com essa ressalva, é importante salientar a importância da formação continuada e da pesquisa na vida profissional dos professores, como também as implicações políticas que suas negações e empecilhos pelo Estado possuem, estabelecendo-se como elementos que ampliam a precarização do trabalho docente ao deixar o professor ainda mais vulnerável no exercício de suas atividades.

As contradições da práxis e os impactos sobre a personalidade docente

Não basta uma boa formação e um trabalho de pesquisa sem que haja uma infraestrutura que possibilite aos professores exercerem suas atividades da forma pretendida. Esteve (1999), Castro Neta (2020) e Oliveira (2016) atribuem à falta de infraestrutura um dos principais elementos a que se vinculam o mal-estar docente, gerando perda de motivação, desânimo, estresse e inibição. Apesar do CMLEM ter construído sobre si todo um ideário de modelo e referência, a investigação aponta uma realidade bastante distinta, na qual o colégio carece de uma série de recursos infraestruturais.

A biblioteca durante muito tempo ficou inutilizada ou subutilizada, sendo restituída há pouco tempo pela ação de um projeto desenvolvido por um professor. Outros espaços não contam com a mesma sorte, como a quadra, que continua descoberta e sem reforma, diferente do projeto de quadra coberta e poliesportiva anunciado no programa do CMLEM, que governo após governo, carlista e petista, foi recuperado discursivamente e materialmente descartado, o auditório com seu uso limitado por problemas elétricos e os laboratórios que ainda não saíram do papel.

Ao falar sobre um trabalho bastante importante que acontecia na escola e envolvia vários professores e disciplinas, bem como a comunidade escolar, um professor lamenta o seu encerramento em função da falta de estrutura do auditório, que chegou a apresentar curto-circuito durante uma apresentação, colocando em risco à vida dos professores e dos alunos, o que obrigou o projeto a ser encerrado, para lamento do docente.

Fiz um trabalho interdisciplinar com a professora de inglês, literatura com inglês. A princípio, os meninos não entendiam como é que é possível. Mas acontecia um projeto

grande, que a gente chamava de musicais. Eles tinham que pegar um musical famoso do cinema e adaptar para os palcos. Pelo menos uma das músicas, eles tinham que cantar em inglês no palco, sob supervisão da professora de inglês. E eu ficava responsável pela roteirização, analisar o gênero textual, se eles estavam seguindo exatamente da maneira como tinha que ser, fazer sugestões do que mudar. Tanto é que se tornou um projeto que se expandiu dentro da cidade. A gente passou a receber muita gente. Muita gente queria assistir, porque os meninos passaram a fazer verdadeiros espetáculos. Só que a gente teve que parar por conta das condições do auditório na época, que não ajudavam. Já tava começando a despencar. Teve um dia que a gente teve problema de curto-circuito. Então, por uma questão de segurança e por não termos um espaço adequado, a gente acabou tendo que encerrar. (Melquíades, 2023)

Recuperando a fala de uma professora, “Quando a gente fala de valorização, obviamente a gente fala de dinheiro, mas cadê a estrutura? Cadê o laboratório da escola?” (RENATA, 2023), cadê o auditório, a quadra poliesportiva coberta, o refeitório, as áreas de convivência, os recursos didáticos, os recursos para uma alimentação que garanta a segurança nutricional dos alunos e dos profissionais da escola, cadê as condições para o professor trabalhar, como interroga Úrsula?

Ampliar as atribuições, deveres, responsabilidades, avaliações sobre a escola, a gestão e os professores sem oferecer condições para que haja o cumprimento dessas demandas, ainda que o cunho destas seja em si mesmo questionável, é contraditório, para dizer o mínimo. Contradição que se manifesta na fala do professor, que ao mesmo tempo em que se mostra encantado com o projeto que era desenvolvido e do qual, enquanto professor, fazia parte com a sua intelectualidade, demonstra a sua frustração e desencantamento ao ter que encerrar a atividade por falta de estrutura presente no espaço escolar. Acerca da desilusão que esse desencontro promove no trabalho docente, Esteve (1999: 48) acentua que

Efetivamente, professores que enfrentam com ilusão uma renovação pedagógica de sua atuação nas aulas encontram-se, frequentemente, limitados pela falta de material didático necessário e pela carência de recursos para adquiri-los. Muitos desses professores queixam-se explicitamente da contradição que supõe, por um lado, que a sociedade e as instâncias superiores do sistema educacional exijam e promovam uma renovação metodológica, sem, ao mesmo tempo, dotar os professores dos recursos necessários para levá-lo a cabo. Quando esta situação se prolonga a médio e longo prazo, costuma-se produzir uma reação de inibição no professor, que acaba aceitando a velha rotina escolar, depois de perder a ilusão de uma mudança em sua prática docente que, além de exigir-lhe maior esforço e dedicação, implica a utilização de novos recursos dos quais ele não dispõe.

Para o autor, um dos efeitos do desencanto e frustração oriundos do descompasso entre os projetos pensados pelos professores e as condições que possuem para executá-los reside na inibição, que consiste na adequação do professor à rotina escolar, a práticas pedagógicas alicerçadas em moldes tradicionais e sem risco. Esse processo é duplamente perverso com o professor e impacta profundamente sua saúde, haja vista que ao mesmo tempo em que se abatem críticas sobre o seu trabalho e o vinculam a imagens como o do professor obstáculo, ultrapassado e preguiçoso, também se instaura a separação entre o seu fazer e a sua intelectualidade, colocando seu trabalho em situação acentuada de estranhamento e alienação, o que gera um processo de despersonalização e perda de identidade profissional do docente.

Para não incorrer nessas imagens, com as quais nenhum trabalhador quer se vincular, tampouco sentir-se despersonalizado, muitos professores, especialmente da escola pública, “chegaram à conclusão de que a única maneira de melhorar o material de que dispõem é recorrer à associação de pais, ou, diretamente,

pedir às crianças para que tragam pequenas quantias para adquirir o mais imprescindível” (ESTEVE, 1999: 49). Para a realização de uma viagem de campo com os alunos, um professor utiliza durante anos a mesma tática de pedir um valor simbólico aos estudantes. Em certo dia, enquanto conversava com um professor, um pai chegou pedindo orientações para encontrar o referido professor e realizar o pagamento referente à viagem do filho. Entretanto, a prática mais comum, são os docentes gastarem do próprio bolso para realizar as atividades pretendidas. Experiência compartilhada por uma docente, que diz preferir comprar materiais para o seu trabalho a fim de ter paz.

Eu chego ao ponto de comprar matérias pra ter paz. Porque eu penso na minha saúde. Isso vai me tirar do estresse, do sofrimento, da angústia de ficar procurando as coisas. É preciso saber também gastar, porque é proteção o investimento que você faz com você mesmo. Muitos dizem, eu que não vou comprar nada, é obrigação do Estado dar. Mas eu tenho obrigação comigo mesma. Então, às vezes, eu compro meu material pra não sofrer. Porque senão eu vou ter até confusão com os alunos, porque eles se estressam, percebem que o trabalho tá mal feito e daí vem o estresse, falta de respeito, o bate-boca na sala. Então, esse caminho, eles não acham comigo. Aula é aula, eles sabem que tá tendo aula, e das coisas mais inusitadas. Eu me divirto muito com os alunos, a gente tem uma troca excelente, porque eles são leves, eles são dispostos a crescer, o problema é quando você encarcera a pessoa. (Remedios, 2023)

Embora a prática realizada pela docente se constitua em uma tática utilizada para conseguir realizar o seu trabalho da melhor maneira possível e não sucumbir totalmente à alienação, ao estranhamento e à despersonalização, é necessário ressaltar que esse comportamento também simboliza a internalização do discurso neoliberal de responsabilização individual do professor, que deve, por si mesmo, resolver todos os problemas escolares, ainda que não tenha capacidade, tampouco deva ser o responsável por questões de ordem estrutural e coletiva.

As escolhas da docente, todavia, não partem de uma vontade individual isolada, mas antes, representam a melhor resposta que ela encontrou dentro das suas possibilidades para o contexto. Outros professores talvez prefiram protestar, não tenham como comprar os materiais ou alternem as saídas. O cerne da questão reside na condição de aviltamento a que o trabalho docente é submetido, levando o professor a viver de forma permanente entre a cruz e a espada, como se tivesse que pagar, o que acontece muitas vezes de diferentes formas, para realizar o seu trabalho de modo satisfatório, e não, a travessia feita por cada docente. Acerca da falta de estrutura da escola, uma docente acrescenta

A nossa quadra tem mais de quinze anos que a gente tenta reformar. E os professores ficam tristes quando querem fazer uma coisa e não dá certo, ficam desanimados. Um colégio como esse, a gente não tem uma quadra coberta, reformada, para fazer atividades com os alunos. O time da escola de vôlei e handebol já foi campeão estadual, com a gente tomando quadra emprestada, fazendo vaquinha para fazer uniforme, viajar. Já tive que tirar do bolso para pagar, porque eu queria ver minha escola bem representada. Os professores tirarem do bolso deles para contribuir. Eu vou me aposentar e não vou ver essa quadra coberta. (Úrsula, 2023)

A sensação passada é de desgaste absoluto, desânimo, impotência, já que demandas mínimas da comunidade escolar não são cumpridas ao longo de toda uma carreira, cerceando as possibilidades educativas da escola. No relato, há também o reforço da ação isolada dos professores, investindo dos seus poucos recursos para que as atividades desenvolvidas na escola possam acontecer.

A repetição da tragédia passa pela carreira do professor, deixando marcas permanentes em sua memória e identidade profissional. Marcas que implicam na forma como os professores olham para as suas carreiras, gerando sentimentos

dúbios, inibição e desinvestimento. Como assenta Castro Neta (2020: 66), o desinvestimento, fase final da carreira docente, na qual há um deslocamento de interesses e, muitas vezes, desencanto sobre a profissão, ocorre de forma prematura no Brasil em função das precárias condições de trabalho ofertadas aos professores. Esse processo fica bastante nítido na fala de duas professoras.

Eu adoei muito trabalhando, porque eu não consigo trabalhar sem efetividade, sem me envolver. Então, eu tenho mazelas do trabalho mesmo. Têm as questões pessoais e tudo. Então, hoje eu fico naquela dubiedade. Eu queria encerrar minha carreira, mas ao mesmo tempo eu sei que eu vou sentir muita falta. (Rebeca, 2023)

Eu vou ser bem sincera. Eu tenho vontade de cumprir o meu tempo, cumprir a minha missão. Eu entendo como um missão, é muito árdua, é difícil. Porque você lida com vários problemas. Eu não tenho a mesma motivação que tinha antes, chegando mesmo a machucar. Machuca por uma questão de segurança, você vem pra escola com um certo medo, receio de ter algum problema. Ou você sabe notícias de outros colegas, que aconteceram coisas ruins em escolas próximas, então, você trabalha sobressaltado. Hoje, eu vejo que a educação faz parte de mim, foi muito proveitoso, está sendo, apesar de ser árduo, mas, para mim, tem um tempo. Eu já tenho outros sonhos que a educação não acompanha. Você tem que ficar preso aos modelinhos, furar boas. Então, hoje eu já penso em fazer outro curso. (Remédios, 2023)

A dubiedade de perspectivas e sentimentos das professoras revela o desgaste, cansaço e desencanto produzidos pelo trabalho docente submetido à precarização. Esteve (1999: 44-5) argumenta que o conflito entre o ideal das práticas pedagógicas e a realidade na qual são executadas gera enfrentamentos e conflitos na identidade profissional do professor, produzindo sentimentos contraditórios e flutuantes, mecanismos de fuga, como inibição, ansiedade e ações voluntaristas, nas quais “o professor reage de forma hiperativa, querendo compensar com seu esforço pessoal os males endêmicos do magistério”. À mixórdia dos sentimentos e experiências que o professor vivencia somam-se os virtuais problemas que pode acometê-lo, em especial, os relacionados a algum tipo de violência, seja física ou psicológica, que coloca-o em estado de alerta constante, trabalhando de modo sobressaltado, como pontua Remédios.

Da cicuta de outrora à condenação social de agora

O crescimento alarmante dos casos de violência nas escolas no país, resultando em tragédias, tem sido um fator de intensificação sobre a saúde mental dos professores, impactando sobremaneira as condições de realização do trabalho docente. Apesar de boa parte das abordagens tentarem reduzir os casos à individualidade dos agressores, é preciso entender que essa questão se constrói em âmbito coletivo. A produção de ódio social contra as escolas no Brasil, sobretudo nos últimos anos, definindo os professores como o alvo a ser atingido e o espaço escolar como o lócus do medo (de estar, de falar, de se posicionar, de questionar) vincula-se de forma estreita aos ataques que vêm ocorrendo nas escolas.

Nos últimos anos, processou-se a retirada e a marginalização de disciplinas e conteúdos indispensáveis à reflexão crítica e à construção do exercício da cidadania. Enquanto processos, como o Escola sem Partido, visaram perseguir professores e temas considerados “doutrinários”; outros, como o NEM, secundarizaram componentes curriculares de humanas, fundamentais, de acordo com Catarina de Almeida, professora e pesquisadora da Faculdade de Educação da Universidade de Brasília (UnB), para fazer com que os alunos possam compreender noções de justiça, solidariedade, respeito aos direitos humanos e combate aos pre-

conceitos de qualquer natureza. Para a professora, há vulnerabilidade nas instituições de ensino por motivos que não estão ligados à falta de instrumentos de segurança, e acrescenta,

As escolas têm sido perseguidas quando tratam de temas como educação sexual, questões de gênero, racismo, misoginia. Temos inclusive muitos parlamentares que expõem a figura do professor ou da professora. E isso é uma questão muito séria para a saúde psíquica desses professores. Ainda passam para a sociedade a ideia de que qualquer pessoa pode entrar numa escola e dizer o que ela deve ou não fazer. (AGÊNCIA BRASIL, 2023)

Esses processos atuam de maneira bastante incisiva sobre o mal-estar docente, levando muitos professores a serem não só alvos, como se sentirem, contraditoriamente, responsáveis por eventos de violência ocorridos. Telma Vinha, coordenadora de pesquisa realizada pela Unicamp sobre casos de ataques em escolas por alunos ou ex-aluno, pontua que já conheceu professores que se perguntaram se haviam feito algo de errado após algum incidente. Segundo Vinha,

É preciso desenvolver, por meio de políticas públicas, uma cultura de diálogo nas escolas que fortaleça os valores democráticos. Ela defende a criação de espaços de expressão de sentimento, voltados para fomentar um clima positivo na convivência, e também espaços de mediação de conflitos que podem envolver assembleias coletivas e reuniões privadas onde os estudantes aprendem a usar o diálogo em substituição à violência. (AGÊNCIA BRASIL, 2023)

A condenação social do professor revela, segundo Esteve (1999: 21), um problema atemporal, já que “o professor tem sido sempre uma figura questionada pela mesma contradição intrínseca ao papel que representa”. Nesse sentido, “Entre a aspiração ao desenvolvimento criativo, crítico e pessoal e a exigência social de submissão e integração à ordem estabelecida”, assenta-se o trabalho docente, responsabilizado, a despeito de todas as contradições a que está submetido, por todos os problemas que acontecem na escola, afligem os jovens e se manifestam na sociedade. A cicuta que outrora envenenou Sócrates, agora se manifesta em armas, reais ou simbólicas, que retiram a vida ou tornam-na marginal e obscurecida.

Entre o silêncio e a crítica, a conformação e o questionamento, o professor se espreita entre a morte de dentro e a morte de fora. Submetido historicamente a uma série de violências sobre o seu trabalho, a processos visíveis e outros difíceis de quantificar, o professor sente no plano psicológico os impactos que pode receber por simplesmente tentar executar o seu trabalho em condições, na maior parte das vezes, adversa. Sobre a relação da violência escolar com a instauração do mal-estar docente, Esteve (1999: 54) assevera que

Do problema que supõe o aumento da violência nas instituições de ensino, talvez o dado menos importante seja o de professores que sofrem diretamente uma agressão física. Deve-se contar com o efeito multiplicador desses acidentes, no plano psicológico, sobre os colegas ou amigos do professor agredido; e inclusive sobre outros professores, totalmente alheios à cena da ação, mas que recebem seu impacto através dos meios de comunicação social. Se antes se definia o “mal-estar docente” como efeito permanente produzido pelas condições psicológicas e sociais em que se exerce a docência, o tema da violência nas instituições de ensino constitui um claro exemplo do mecanismo como que se forma e atua.

Não são, entretanto, apenas os grandes eventos que marcam a violência em âmbito escolar. As violências cotidianas e simbólicas também são permanentes e sentidas. Uma professora me relatou inúmeros casos de pais que se direcionam à escola para reclamar sobre a conduta dos professores de forma bastante acintosa. Outro professor revela a perda de confiança que a classe docente vem sofrendo,

haja vista que além de muitas falas e ações dos professores não serem creditadas pela comunidade escolar, há também uma espécie de criminalização sobre seus atos, como se toda capacidade e crédito que possuíam para intervir socialmente tivesse sido perdido e substituído pela suspeição, violência e ojeriza.

A gente gostaria de ter mais reuniões com os pais, por exemplo. Mas que os pais fossem preparados para respeitar e entender os professores. Então, quando a gente vai atender uma pessoa e ela já chega com uma certa agressividade... os pais vão querer responsabilizar a gente pelo não desenvolvimento do filho. A escola ficou com um pouco de medo, receio em relação à forma como os pais agem. Nossa coordenadora pedagógica passou por um processo de grosseria por um dos pais recentemente. E não é só esse exemplo. A gente percebeu que isso tá virando uma constante, parece que houve um processo de criminalização da ação do professor. Parece que não confiam em nós. A gente perdeu a confiança, essa é a palavra certa. Não sei quando isso aconteceu. Muitas das nossas falas não são creditadas pelos nossos alunos. É difícil acreditar em uma melhora a curto prazo. Enquanto o professor não for consultado e valorizado vai ser difícil isso ser retomado. Esse processo de valorização deve acontecer o quanto antes. Antes que a ciência seja estrangulada. (José Arcádio, 2023)

A fala do docente revela que a violência que se abate sobre a escola e seus agentes constitui-se como algo estrutural, que perpassa por toda a desvalorização social que a categoria docente sofre, sendo necessário inserir formas de valorização do trabalho docente para que o quadro possa ser revertido e haja melhoras efetivas na qualidade da educação no país. Durante a primeira reunião de pais e mestres de 2023, também pude constatar a responsabilização que é depositada sobre a escola e os professores pela comunidade escolar. Os pais estabeleceram questionamentos sobre a segurança na escola, o comportamento dos professores, as avaliações, o excessivo número de aulas vagas, as condições da alimentação, a funcionalidade do NEM, entre outras coisas.

Todas as reclamações me pareceram pertinentes e foram devidamente respondidas pela gestão. No entanto, ficou nítido como o discurso neoliberal, que individualiza questões sociais e define os problemas escolares como relativos apenas à gestão, é reproduzido pela comunidade escolar. As questões estruturais, como atraso e falta de recursos, afastamento de professores, principalmente por adoecimento mental, número insuficiente de funcionários, adequação da escola e dos professores à realidade do NEM e do ensino em tempo integral sem infraestrutura, foram desconsideradas em prol da responsabilização dos gestores e professores, cobrados a resolver todos os problemas levantados. “É curioso observar, também, como os pais, tanto nesse aspecto quanto em muitos outros, simplificam os males da escola, declarando os professores” como “responsáveis universais por tudo o que nela possa haver de errado, inclusive quando se trata de problemas em que a responsabilidade real do professor e sua capacidade para evitá-los é muito limitada” (ESTEVE, 1999: 33-4).

Durante a realização de uma entrevista, ao falar sobre alguns incidentes envolvendo alunos, outra docente que estava na sala, aguardando o início da próxima aula, contou-me sobre um ocorrido que acontecera em uma de suas aulas. Na ocasião, os meninos estavam na quadra jogando bola, quando um caiu e quebrou dois dentes. Mesmo prestando socorro, a docente em questão também tem formação em enfermagem, a família, de alguma forma, procurou responsabilizar a professora pelo que houve, já que ela deveria ter prestado um atendimento melhor, acionado o SAMU (Serviço de Atendimento Móvel de Urgência), entre outras medidas.

Ela contou aos pais que o único momento em que o SAMU esteve presente na escola foi quando uma aluna do terceiro ano se jogou do terceiro piso, em uma

tentativa de suicídio, sofrendo fratura exposta. Ao aluno, ela fez o melhor que esteve ao seu alcance, utilizando-se, inclusive, dos conhecimentos da sua segunda formação no atendimento. Além de não ter sua prática computada pelos sistemas de avaliação e responsabilização, tampouco em seu salário, já que não recebe para prestar atendimento médico, a docente ainda contou com a desaprovação da comunidade escolar e a responsabilização pelo incidente envolvendo o aluno, para o qual não concorreu, nem poderia evitar.

A responsabilização docente, presente na reunião de pais e mestres e em contextos diversos do cotidiano escolar, está alinhada a prerrogativa neoliberal que busca, segundo Catini (2019: 36), “aproximar o trabalho docente dos modos de realização dos trabalhos de serviços precários, intermitentes e uberizados”, instaurando a instabilidade no emprego ao passo que se amplia formas de controle, supervisão, monitoramento e avaliação dos professores, seja por institutos, fundações, organismos internacionais, provas de avaliação externa, seja pelo poder dado aos “clientes” (pais e alunos).

Imerso em um contexto de intensa precarização, Oliveira (2016: 47) afirma que “o ser social é expropriado de sua condição ontológica para ser explorado enquanto produtor de mercadorias, de mais-valia, valor-de-uso e valor-de-troca, alienando e estranhando-se de sua própria condição humano genérica”. A autora acrescenta que esse processo não atinge apenas a vida material do professor, mas também a sua subjetividade, formando a precarização subjetiva, “caracterizada pelo nível de sofrimento e desesperança dos trabalhadores” (OLIVEIRA, 2016: 240). Processo sintetizado por uma professora pelo sentimento de desalento.

Eu percebo um desalento em todos os meus colegas. Um desalento mesmo. Porque a gente sente como se tivesse dando murro em ponta de faca. O tempo todo. Se é equipamento não tem manutenção. Você quer usar, já deu problema. Maior dificuldade do mundo pra consertar. Salas super quentes. No meu caso específico, que tenho rinite e sinusite. A gente fica sob ventiladores horrorosos, sujos. As dificuldades em questões afetivas. Os meninos estão perdidos. Muitos problemas de ordem mental. Os professores também. Terapia, tratamento. E eu acho que isso se deve muito as condições mesmo. Então, assim, além da questão salarial, o que o Estado precisaria investir mesmo é numa reestruturação de toda a escola pública. Se as condições chegassem perto do que elas deveriam ser, a meu ver, já iria solucionar cinquenta por cento de todos os problemas. Depois a formação continuada do professor. Eu acho que é terível por parte do Estado. E uma remuneração próxima a outras carreiras. Mas pra gente, tudo isso virou sonho. Eu não vislumbro mais nada disso. Por isso que eu te falei do desalento. É um desalento. Você vai perdendo... O que eu não perdi ainda foi o gosto e o prazer de estar com os meninos. Apesar de tudo, a sala de aula é o meu canto. Eu gosto muito. Mas eu acho que a gente tem sobrecarga. A gente sabe que em países mais desenvolvidos houve um acerto. A gente vê que há melhorias realmente. Então, a palavra que me descreve hoje é desalento. Embora como eu te falei, o meu prazer ainda está na sala de aula. É o melhor momento. Apesar do cansaço extremo. Apesar do abatimento com doenças que vieram por conta do trabalho. O trabalho é praticamente mais da metade da nossa existência. A gente vive aqui muito mais do que a gente vive em casa. (Rebeca, 2023)

O desalento, reiterado pela docente, representa os efeitos psicossomáticos que estar submetida a condições de trabalho aviltantes produz. Mesmo sofrendo de rinite e sinusite, intensificadas pela estrutura física da escola, e sendo acometida por outras doenças oriundas do exercício laboral, a professora instaura a sala de aula como espaço de realização, que apesar de todos os problemas, ainda não foi perdido, o que ratifica a proposição de Esteve (1999: 47) de que as condições contextuais que envolvem a prática pedagógica são mais decisivas para a instauração do mal-estar docente do que às relativas ao interior da sala de aula.

Apesar de conservar o prazer de estar na sala, com os meninos, como a docente diz, é importante salientar que a sala de aula não está descontextualizada

da escola e da realidade, de modo que, mesmo que o professor se empenhe e mantenha a motivação em fazer seu trabalho, não há como desvinculá-lo de tudo que o envolve. Inclusive, os problemas de ordem psíquica que têm se abatido também sobre os alunos e desembocado no colo do professor como mais um problema a ser resolvido. Essa questão tem levantado diversos problemas na escola, impactando profundamente o trabalho docente e da gestão.

Mergulhado em múltiplas responsabilidades, para as quais não possui condições, apoio, suporte e tempo para responder, o trabalho docente torna-se fragmentado e o professor sente-se despersonalizado e esgotado. As consequências são sentidas na saúde física, com problemas na voz, como indicam duas professoras: “Você percebe que a voz já não é a mesma. Já estou com a voz envelhecida, gasta mesmo” (PETRA, 2023), “Tem um desgaste da voz minha voz, não é a mesma” (SANTA SOFIA, 2023); na saúde mental: “Como eu sou uma pessoa emotiva, eu me envolvo muito. Então eu já sofri muito emocionalmente. Como eu sou mãe, mulher, 60 horas, então, isso emocionalmente já me deu um desgaste muito grande, né, de fazer terapia, de tomar remedinho” (SANTA SOFIA, 2023); na intelectualidade do professor e na sua identidade profissional, que sobrecarregado de tanto trabalho, muitas vezes, nem mesmo se reconhece. Como bem assinala Esteve (1999: 59).

O professor está sobrecarregado de trabalho, obrigando-se a realizar uma atividade fragmentária, na qual deve lutar, simultaneamente, e em frentes distintas: deve manter a disciplina suficiente, mas ser simpático e afetuoso; deve atender individualmente as crianças sobressalentes que queiram ir mais depressa, mas também aos mais lerdos, que têm que ir mais devagar; deve cuidar do ambiente da sala de aula, programar, avaliar, orientar, receber os pais e colocá-los a par dos progressos de seus filhos, organizar diversas atividades para o centro, atender frequentemente a problemas burocráticos..., a lista de exigências parece não ter fim.

Não só não tem fim, como os meios para solucionar os problemas são escassos e, na maioria das vezes, reduzem-se a ações realizadas no interior da própria escola pelos seus agentes. Como conseguir, então, realizar de maneira satisfatória e significativa seu trabalho sob tantas pressões, estando constantemente sob ameaças e violências, dentro da escola, oriundos de outros espaços escolares, na imprensa, advindos do Estado, onde tudo parece ser culpa do professor, mas nada é feito para lhe dar suporte? Vai ficando difícil, como ressalta Úrsula em outro momento. As consequências do mal-estar docente rompem, todavia, com a aparência de normalidade que o capital busca criar. E, assim, as cicutas são distribuídas e o capital realiza o milagre da multiplicação das mortes, reais e simbólicas, que se instauram na educação pública.

Considerações finais

Chegado ao fim da travessia, o mal-estar docente parece ser um fenômeno cada vez mais forte e presente na realidade da prática docente, colocando os professores em um labirinto, imagem-síntese da situação dos trabalhadores da educação e de suas saúdes psíquicas. A pesquisa de campo ratifica tal proposição e evidencia facetas do problema nem sempre tão visíveis à distância. No entanto, é necessário considerar que embora as saídas do labirinto estejam fora, os percursos precisam ser feitos a partir dele. Se a precarização, a intensificação, a aliena-

ção, a despersonalização, a desintelectualização são elementos que elevam as contradições do trabalho docente e instauram o mal-estar que lhe afeta, não podem ficar ocultos, mas antes, devem ser evidenciados.

Pois, lembrando Paulo Freire (2019), é a partir do diálogo sobre a negação do diálogo, que este pode passar a existir e ser feito. O rompimento do mal-estar docente só pode ser superado dialogicamente, por meio do diálogo daquilo que é suprimido e negado aos professores, para que dialogado, possa ser questionado e superado. De forma dialética e coletiva. Afinal, a rosa que rompe o asfalto é fruto da luta social de outros tempos e de agora.

Recebido em 30 de maio de 2024.

Aprovado em 27 de novembro de 2024.

Referências

CARA, Daniel. “Contra a barbárie, o direito à educação”. In: CÁSSIO, Fernando (org.). *Educação Contra a Barbárie: por escolas democráticas e pela liberdade de ensinar*. São Paulo: Boitempo, 2019. pp. 25-31.

CASTRO NETA, Abília Ana de. A precarização do trabalho e os impactos para o processo de adoecimento da classe trabalhadora docente. Dissertação (Mestrado em Educação), Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, Vitória da Conquista, 2020.

CASTRO NETA, Abília Ana de; CARDOSO, Berta Leni Costa; NUNES, Claudio Pinto. Desenvolvimento profissional e precarização do trabalho docente: perspectivas e (des)continuidades. *RIAEE – Revista Ibero-Americana de Estudos em Educação*, 16 (3): 2067-2082, 2021.

CATINI, Carolina. “Educação e empreendedorismo da barbárie”. In: CÁSSIO, Fernando (org.). *Educação Contra a Barbárie: por escolas democráticas e pela liberdade de ensinar*. São Paulo: Boitempo, 2019. pp. 33-39.

DARDOT, Pierre; LAVAL, Christian. *A nova razão do mundo: ensaio sobre a sociedade neoliberal*. São Paulo: Boitempo, 2016.

AGÊNCIA BRASIL. *Especialistas defendem espaços de expressão de sentimentos em escolas*, Abril de 2023.

ESTEVE, José M. *O mal-estar docente: a sala de aula e a saúde dos professores*. Bauru, SP: EDUSC, 1999.

ESTORMOVSKI, Renata Cecilia; ESQUINSANI, Rosimar Serena Siqueira. A filantropização da educação básica como mecanismo de privatização da intelectualidade do professor. *Trabalho Necessário*, 20 (42): 1-27, 2022.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia do Oprimido*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2019.

FREITAS, Luiz Carlos de. *A reforma empresarial da educação: nova direita, velhas ideias*. São Paulo: Expressão Popular, 2019.

OLIVEIRA, Mariana Esteves de. “Professor, você trabalha ou só dá aula?”: o fazer-se docente entre história, trabalho e precarização na SEE-SP. Tese de doutorado, UFGD, 2016.

PONTES, Fernanda R; ROSTAS, Márcia Helena S. G.; ROSTAS, Guilherme Ribeiro. Precarização do trabalho e adoecimento do docente. *Educar Mais*, 4 (3): 722-37, 2020.

SILVA, Amanda Moreira da. A uberização do trabalho docente no Brasil: uma tendência de precarização no século XXI. *Trabalho Necessário*, 17 (34): 229-51, 2019.

VOLUME 12
NÚMERO 30
(SET./DEZ. 2025)

ACENO

REVISTA DE ANTROPOLOGIA DO CENTRO-OESTE
ISSN: 2358-5587

PRAZO FINAL
DE SUBMISSÃO:
30 DE AGOSTO
DE 2025

CHAMADA DE ARTIGOS

DOSSIÊ TEMÁTICO:

ENFOQUES CONTEMPORÂNEOS
SOBRE OS ESTUDOS DO CUIDADO

COORDENADORXS:

DR. FABIO DE MEDINA DA SILVA GOMES (UNEMAT)

DRA. LUDMILA RODRIGUES ANTUNES (UFF)

O trabalho do cuidado vem sendo compreendido como uma atividade de múltiplas dimensões na vida social, envolvendo desde o cuidado de outras pessoas, o autocuidado, o cuidado da casa, bem como ações governamentais direcionadas para determinados grupos sociais. Nesse sentido, esse dossiê pretende reunir pesquisas etnográficas sobre o trabalho do cuidado, com especial enfoque para questões envolvendo as múltiplas concepções sobre o chamado trabalho reprodutivo realizado, majoritariamente, por mulheres e dentro das casas.

Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social - Universidade Federal de Mato Grosso

30